

Notas sobre a formação de Aquiles Estação

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO
Catedrático de Literatura Latina
da Universidade de Coimbra

1. Aquiles Estação no Brasil (Pernambuco, 1532)

Aquele que viria a ser o humanista português com maior repercussão internacional na História da Filologia Clássica, pelas suas atividades de crítico textual(1), havia sido destinado por seu pai à carreira das armas. Ele próprio o diz num memorial manuscrito em que recorda alguns dos feitos mais notáveis de seu pai, injustamente denegrido junto do rei, por invejas e malquerenças. É em latim e encontra-se na Biblioteca Vallicelliana de Roma onde tem o número B-106 e o título de *Pauli Nonni Statii electarum rerum gestarum commentariolus Achillis Statii Lusitani. F.* Há duas versões, das quais a segunda, que parece a definitiva, será usada neste artigo. Devo o seu conhecimento ao meu antigo e distinto aluno, Dr. Jorge Alves Osório, assistente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O texto autobiográfico reza assim: (. . .) *egogue . . . quem ille militiae laboribus ut adsuefaceret admodum puerum ac prope matris e sinu ereptum domo secum procul abduxerat. Namque mihi propterea nomen Achillis imponi iusserat, ut et praestantissimi olim ducis nomine et domesticis exemplis ad uirtutem et ad omnem bellicae laudis excellentiam miles exercitaret.* Ou em versão portuguesa: “(. . .) e eu . . . a quem ele, para me acostumar aos trabalhos da milícia levava consigo para longe, ainda criança e, a bem dizer, arrancado ao colo de minha mãe. Por isso mesmo, é que mandou baptizar-me de Aquiles, para que, não só por influência do nome de tão ilustre chefe antigo, mas também pelos exemplos de casa, eu exercitasse a minha vocação guerreira no culto da virtude e de todas as excelências da glória militar”.

Domo secum procul abduxerat – escreveu Aquiles Estação.



Aquiles Estação. Retrato existente na Biblioteca Vallicelliana, em Roma.

Para onde? Naqueles tempos, só podia ser para um dos continentes onde se desenrolava a aventura marítima dos portugueses: África, Índia ou Brasil. Os biógrafos de Aquiles Estação, de Diogo Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana* a D. Frei Fortunato de São Boaventura no *Portugal e Itália*, publicado por António Portugal de Faria (Leome, 1905); de Francisco da Fonseca na *Évora Gloriosa* a Leite de Vasconcelos em *Papéis de Achilles Estação* (2); do autor anônimo da notícia sobre o humanista na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* ao *Dicionário de História de Portugal*, editado por Joel Serrão, todos apresentam as paragens longínquas para onde Paulo Nunes

Estaço levou seu filho Aquiles, como sendo o Oriente. Mas na realidade, foi primeiro a África e, depois, o Brasil.

José Gomes Branco, autor de alguns estudos sobre Aquiles Estaço, mencionou também o Oriente em “Un Umanista Portoghese in Italia: Achilles Estaço”, artigo da Miscelânea *Relazioni Storiche fra l'Italia e il Portogallo*, Roma, 1940, pp. 135-148, ao referir na p. 135: “Nato a Vidigueira, distretto di Evora, nel 1524, presto il padre, Paulo Nunes Estaço, uomo d'armi, lo portò con se in Oriente, dove Vasco da Gama alcuni anni prima era giunto attraverso una nuova strada aprendo alla forza espansiva del Portogallo un nuovo mondo. Ma poco dopo, a causa della sua debolezza fisica, il padre gli permise di ritornare in Patria”.

Gomes Branco, que foi leitor de Português na Universidade de Roma, durante alguns anos, certamente conhecia o manuscrito autobiográfico de Aquiles Estaço que menciona, de facto, a presença de seu pai na Índia, em 1524, na armada de Vasco da Gama, e em outros lugares do Oriente. Mas, na versão que tenho entre mãos, não encontro qualquer referência à estadia no Oriente de Aquiles Estaço nem à sua “debolezza fisica”. As razões que levaram Paulo Nunes Estaço a enviar seu filho para Portugal são outras, como veremos adiante.

Uns anos depois, Gomes Branco refere o pormenor biográfico da estadia de Aquiles no Brasil em uma notícia publicada na revista *Humanitas* II, Coimbra, 1948-49, pp. 405-406, sob o título de “Uma comemoração de Achilles Stadius Lusitanus”. Por duas brevíssimas citações em latim, concluo que utilizou o ms. B-106, embora não mencione a sua fonte.

Eis o passo do artigo daquele estudioso: “Tra quelli che nel Brasile erano intenti a civilizzare e a difendere il nuovo continente si trovava un grupo di cui faceva parte un fanciullo (*puer* dice il testo). Questo fanciullo era uscito del Portogallo in tenera età (*prope e matris sinu ereptus*, dice lo stesso testo) insieme col padre, uno dei capi di una spedizione militare. Viaggiò per vari mari e climi, finchè si fissò per alcun tempo nel Brasile, come dicevo. Mentre gli uomini lavoravano, il ragazzo si trastullava e conviveva con gli indigeni. In questa convivenza ha imparato la loro lingua. Il caso non passò inosservato al padre, il quale davanti a quella curiosità del figlio per una lingua così diversa dalla propria, pensò essere meglio avviarlo alla carriera delle lettere, anziché a quella delle armi, come prima era stato suo proposito. Questo bimbo, come avete immaginato, era il futuro umanista. Il padre lo rimandò in Portogallo a finchè potesse dedicarsi agli studi”.

Mais recentemente, Marina La Tella Bartoli, “A proposito di Aquiles Estaço e dei *Carmina* del Codice Vallicelliano B 106”, *Annali dell' Istituto Universitario Orientale, Sezione Romanza*, Nápoles, 1975, p. 295, procurou conciliar Índia com Brasil, referindo-se às Índias Ocidentais”. “il padre, Paulo Nunes Estaço, cavaliere dell'ordine di Cristo e governatore del castello di Ouatão nel territorio di Setúbal, voleva farne un soldato e perciò lo prese con sé in molti viaggi e missioni nelle Indie Occidentali e in Brasile”.

Mas o manuscrito latino que estou usando não permite falar de mais do que uma viagem, e essa à África e ao Brasil.

Demos, por isso, a palavra ao próprio Aquiles Estaço, de quem já atrás transcrevemos alguns períodos:

Quo tempore Lusitaniae rex Eduardum Coelium ad eam Aethiopiae partem quam Malaquetam uulgus hodie nostrum uocitat instructa classe lustrandam miserat, ut Gallos piratas, qui suae dicionis oram mutandarum mercium, uel nostros potius praedandi causa infestam redderent persequeretur, eodem Paullus nauis unius praefectus una uenit meque annos circiter octo natum, militiae iam tum ut adsuicerem secum domo primum conduxit.

Darei desta longa frase uma versão portuguesa em um só período também para em nada alterar o significado do original:

“No tempo em que o rei de Portugal enviara Duarte Coelho a percorrer a parte da África a que hoje vulgarmente chamam de Malagueta, com uma armada em pé de guerra, a fim de perseguir os piratas franceses, pois estes, para comerciar, ou melhor, pilhar os nossos, tornavam insegura uma costa sob o domínio real, para aí (3) veio também Paulo, com o comando de um só navio, e trouxe-me consigo de casa, pela primeira vez, à roda dos oito anos de idade, para já então me habituar aos trabalhos da guerra”.

Vimos no primeiro passo citado que Aquiles era menino e fora quase arrancado aos braços da mãe. No passo acabado de traduzir, a idade em que, pela primeira vez, viajou com o pai é a de oito anos, talvez incompletos (*circiter*).

Ora, tendo o filho de Paulo Nunes Estaço nascido na Vidigueira, em 12 de Junho de 1524, a viagem marítima com seu pai, na armada de Duarte Coelho, foi em 1532. Nesse ano, de facto, comandou Duarte Coelho uma bem sucedida expedição à costa da Malagueta.

O humanista conta seguidamente um combate, a que assistiu, no qual seu pai procedeu com grande valentia em luta com um navio francês que foi apesado e que “enviado mais tarde para Portugal, ficou no porto de Lisboa” (*quae postea missa in Lusitaniam Ulyssipone in portu stetit*).

Não me parece hipótese arriscada admitir que se trata do navio mencionado numa carta de D. João III, escrita em Évora, a 28 de Julho de 1533. O monarca mandou vender pela maior oferta um “gualeam frances que Duarte Coelho Capytam moor d’armada da Malagueta trouxe ao porto desa cidade (Lisboa) quamdo aguora veo da ditta Malagueta” (4).

Logo em seguida à frase latina colocada acima entre parênteses (*quae . . . stetit*), o texto de Aquiles Estaço prossegue:

Interea dum classi eadem omnem illam Aethiopiae lustrat oram scrutandis, sicubi lateant, praedonibus leue atque expeditum nauigium e Lusitania cum eiusmodi mandatis aduenit, placere regi, quoniam Brasiliam, quae noui, ut uocant, orbis pars ad occidentem spectat, et Lusitaniae regi patet, piratae Gallici generis infestarent, totamque per ea loca negotiationem corrumpèrent; uti Paullus illo cum imperio proficiscatur, remque ibi regiam curet. Quo postquam Paullus uenit, arces duas ligneas, cum lapideas aut lateritias nulla calcis aut bituminis copia posset, et necessitas moras omnis excluderet, mira celeritate mox extruit.

Aderam puer, ac dum rudia adhuc ligna comportarentur, ferroque uix caederentur, audiebam ea esse firmitate materiam ut bombardarum globos etiam respueret. Manguem uocant, aquis innatat, quas subrubro colore suo

etiam inficit. Longam praeterea nauim unam, ac breue nauigium alterum, Brigantinum appellant, idem facit. Quibus fretus, cum piratis congregitur, cumque Brigantinum demersisset hostis, multas tamen eorum nauis Paullus depressit, alias a se male multatas cepit tormentis armamentisque nauticorum funium plenissimas. Itaque quattuor ipsos annos, quamdiu uidelicet Paullus prouinciam praetor obtinuit, tutam nostris per ea loca nauigationem praestitit. Hinc me pater, mutato consilio, quia barbarorum linguam facile didicissem, non nullius ingenii coniectura domum Graecis Latinisque litteris erudiendum remisit.

Em versão portuguesa: “Entretanto, percorria ele com a mesma armada toda aquela costa de África para descobrir os piratas, onde quer que se escondessem, quando chegou de Portugal um navio ligeiro, com as instruções seguintes: estando o Brasil, parte do chamado Novo Mundo que fica a Ocidente e obedece à coroa portuguesa, infestado de piratas franceses que perturbavam o comércio nessas regiões, era vontade do rei que Paulo para lá se dirigisse com plenos poderes e aí se ocupasse dos negócios régios.

“Mal chegado, Paulo logo construiu, com enorme rapidez, duas fortalezas de madeira, por não ser possível construí-las de pedra ou tijolo, considera-da a falta de cal e de argamassa, e não dando a urgência ocasião a delongas.

“Eu era criança e assistia, enquanto era feito o transporte das árvores ainda em bruto que dificilmente se deixavam cortar pelo ferro. E ouvia dizer que era tal a dureza da madeira, que repelia o tiro das bombardas. Chamam-lhe mangue e nada nas águas que tinge com a sua cor avermelhada.

“Depois mandou fazer um navio de guerra e outro pequeno a que chamam bergantim. Apoiado neles, trava combate com os piratas. E, embora o inimigo tivesse afundado o bergantim, Paulo, todavia, meteu a pique vários dos seus navios e tomou outros que danificara seriamente e se encontravam cheios de artilharia e aprestos de navegação. Assim, nesses quatro anos que durou o seu comando, Paulo tornou segura a navegação dos nossos por esses lugares.

“Foi então que meu pai, mudando de idéias, ao ver-me aprender facilmente a língua dos nativos, conjecturou que eu possuía algum talento e me devolveu à pátria, para ser instruído nas letras gregas e latinas”.

Nos períodos em italiano atrás citados, Gomes Branco aproveitou algumas informações dos textos latinos que acabo de traduzir, mas não tentou a sua versão integral para português que aqui deixo. Também não procurou localizar os acontecimentos no tempo e no espaço. É isso que vou tentar fazer.

O acaso da sobrevivência dos documentos quis que chegasse até nós um em que certo bombardeiro, de seu nome Diogo Vaz, pedindo recompensa pelos serviços prestados, enumera os comandantes com quem servira no Brasil, nomeadamente em Pernambuco: “. . . e quomesou a servir no dyto fernãbuqº aos trinta dyas do mes doutubro da era de mill quinêtos e trinta e dous annos que chegou palus nuniz na qaravela espera pera ser quapitã do dyto fernãbuqº como o foy e . . . o dito Djº Vaz seruya de bombardeiro . . .” (5).

Temos, pois, que o pequeno Aquiles, com seu pai Paulo Nunes Estaço, aqui designado apenas pelos dois primeiros nomes, como era costume no sé-

culo XVI, chegou a Pernambuco na nau **Esfera** (em português antigo, **Espera**), a 30 de Outubro de 1532.

Se aí ficou os quatro anos da comissão do pai ou não, é difícil concluir do texto latino, tanto mais que *hinc*, traduzido com valor temporal na minha versão, pode ter igualmente o significado locativo: “daqui, deste lugar”. Mas a presença de *remisit* na mesma frase parece sugerir que, antes de concluídos os quatro anos, foi o pequeno estudante remetido para a metrópole.

Trocada a carreira das armas pela das letras, o futuro humanista também não fez totalmente a vontade a seu pai que desejava ver todos os filhos seguirem a vida monástica. Apenas Maria, uma das irmãs, cumpriu esse desejo, no dizer do *Commentariolus*: **Soror una Maria morigerata est patri.**

O pai, segundo a mesma fonte, recolheu-se com mais de setenta anos ao mosteiro de São Bernardo em Seiça, no concelho da actual Figueira da Foz, e aí morreu, seis meses depois, deixando edificados os outros religiosos com o rigor da vida ascética que levava.

Já tinha falecido há algum tempo, quando, em 1 de Dezembro de 1573, Inácio de Moraes (6) escreveu de Coimbra a Aquiles Estaço, lembrando-lhe a conveniência de dar sepultura condigna a seu pai que estava enterrado “no convento de Seiça, em sepultura rasa, sem qualquer lápide que lhe indique o nome e sem a honra do sepulcro” (*in coenobio Ceicae humo tantum conditus, nullo lapide qui nomen indicet, tectus, et sine honore sepulchri*).

Paulo Nunes Estaço deve ter morrido com mais de setenta e menos de setenta e três anos, pois tinha cerca de 24 anos de idade, quando foi para a Índia em 1524, sob o comando de Vasco da Gama, como informa o *Commentariolus*: **Valascus Gama qui, ut supra posuimus, Indiam, totius Asiae beatissimam terram . . . primus adierat, eodem iterum cum instructa classe nauigavit, cum Paulus pater adulescens, annum nisi fallor agens XXIII secutus primum miles stipendia fecit.**

Paulo Nunes não é totalmente desconhecido no Brasil. Em Pernambuco, ele ficou às ordens de Pero Lopes de Sousa, como informa Capistrano de Abreu (7): “Fundado em documentos ainda desconhecidos, assegura Varnhagen que Pero Lopes tomou a fortaleza ali estabelecida pelos franceses e, deixando-a guarnecida de gente sua às ordens de um Paullus Nunes, fez-se de vela para Portugal, levando consigo duas naus francesas que tomara, alguns índios e trinta prisioneiros”. Entretanto, vê-se que Capistrano de Abreu não fazia idéia exacta de quem era o tal Paullus Nunes. . .

E sem o testemunho de seu filho Aquiles que, mais de vinte anos antes de Anchieta chegar ao Brasil, sentiu a fascinação da fala dos índios, assim revelando a sua vocação de linguista, também não seria lembrado neste artigo.

As letras foram, para usar um pensamento caro aos humanistas, a condição de sobrevivência da memória das armas.

NOTAS:

(1) Cf. **Verbo: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura**, Lisboa-São Paulo, s.v. “Estaço (Aquiles)”.

(2) Separata de 18 páginas de **Petrus Nonius, III**, fasc. 3-4, Lisboa, 1941.

- (3) É possível também dar sentido temporal a *eodem* e traduzir “nesse mesmo tempo”.
- (4) Jordão de Freitas, “A Expedição de Martim Afonso de Sousa (1530-1533)”, *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, edição dirigida por Carlos Malheiro Dias, vol. III, Porto, 1924, p. 149, n. 333.
- (5) Cf. o livro citado na nota anterior, p. 155.
- (6) Carta existente no códice B – 106, fol. 44.
- (7) **O Descobrimento do Brasil**. Nota liminar de José Honório Rodrigues, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1976, p. 220.

2. Aquiles Estaço e João de Barros

Leite de Vasconcelos escreveu, em 1941: “Depois de ter aprendido a ler com o gramático João de Barros, de ter estado na Índia, onde o pai o levava, na esperança infundada de o dedicar às armas . . .” (8).

O exame do *Commentariolus*, juntamente com o de um prefácio adiante transcrito, também de Aquiles Estaço, permite pensar que a intervenção de João de Barros na educação do pequeno Estaço é posterior ao regresso do Brasil (e não da Índia), pois não há qualquer referência a uma interrupção de estudos, depois de Aquiles ter sido pupilo do gramático e historiador. Por outro lado, não é natural que este tenha sido mestre de primeiras letras do futuro humanista, pois o interesse demonstrado por Aquiles em relação à língua dos índios brasileiros, como atrás vimos, supõe uma criança alfabetizada. E, no século XVI, os filhos das famílias instruídas (9), aos oito anos de idade, sabiam não apenas ler e escrever em português, mas até conheciam melhor a língua latina do que a maioria dos estudantes universitários de hoje. E os Estaços (10) alentejanos eram uma família instruída.

Como se teria estabelecido o contacto entre Paulo Nunes e o famoso historiador? Seria anterior a esta missão no Brasil? As funções de João de Barros como tesoureiro da Casa da Índia e Mina, por exemplo, podiam ter proporcionado o encontro dos dois homens.

Outra hipótese ainda podemos aventar. A área em que o pai de Aquiles comandou uma fortaleza e meios navais para a defender ficava na capitania de Pero Lopes de Sousa. E esta era contígua à de João de Barros, como se lê, v.g., no *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, composto por Gabriel Soares de Sousa (11): “Deste ponto para baixo, pouco mais ou menos, se estende a capitania de João de Barros, feitor que foi da Casa da Índia, a quem el-rei D. João III de Portugal fez mercê de cinquenta léguas da costa partindo com a capitania de Pero Lopes de Sousa, de Itamaracá”.

Varnhagen, que editou este texto em 1851, acrescenta em nota final que a extensão da capitania era realmente “de 225 léguas de costa” e que a expedição enviada por João de Barros “teve lugar por Outubro de 1535”. Sabe-se que essa expedição foi um fracasso completo e deixou o cronista endividado até o fim dos seus dias.

No relato dos feitos de Paulo Nunes, composto em latim por seu filho, não há referência expressa à capitania de João de Barros, mas é preciso não esquecer que o *Commentariolus* trata só de *electarum rerum gestarum* “feitos escolhidos”. Isso mesmo declara Aquiles logo no começo, ao referir que não contará todos os combates em que seu pai se achou, mas só alguns daqueles em que a sua actuação foi decisiva (*Parentis mei rerum gestarum, non omnium sed electarum tantum commentariolum. . .*)

Vou agora publicar e traduzir um texto latino do humanista português que não foi aproveitado até hoje, tanto quanto é do meu conhecimento. Só Luís de Matos parece ter informação do seu conteúdo, mas de modo inadequado, como veremos adiante. Aliás, a edição em que o texto se encontra, a primeira publicada por Estaço do ciceroniano *De optimo genere oratorum*, é mencionada por Barbosa Machado, mas não foi vista por nenhum dos autores que se referem à bibliografia estaciana, a saber, José Leite de Vasconcelos (12), Artur Moreira de Sá (13) e mais recentemente Aníbal Pinto de Castro (14).

Trata-se de uma obra existente na “Seção de Livros Raros” da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com o seguinte título: *M. T. Ciceronis / De Optimo Genere Oratorum / Liber / Achillis Statij Lusitani in eundem commentarij / Lutetiae / Apud Vascosanum, uia Iacobaea ad insigne fontis. / MDLI / Cum Privilegio.*

O prefácio deste livro, dedicado a João de Barros, reza assim:

*Ornatissimo Amplissimoque uiro Ioanni Barro Achilles Statius S. P. D.
Soleo equidem mecum ipse, Ionnes Barre, totum aetatis meae tempus,
& praeteritarum rerum omnium memoriam, tacita quadam sed iucunda tamen
cogitatione repetere. Quod dum facio, (facio autem saepe & perlibenter)
uideo te non solum mihi, ut haec litterarum studia capesserem, cohortatorem,
sed et omnis meae institutionis quae ad mores & officia in omnem uitae partem
tradenda pertinent, authorem fuisse. Nam quum liberos apud te tuos institui,
& in optimarum artium studiis erudiri curares, atque ego tum hospes &
aetate puer, ad te litterarum causa uenissem: equidem memini, quoad in illis
studiis apud te uixi, primam illam ingenii mei informationem tibi summae
curae, successus autem atque indolem nostram uoluptati non minus esse,
quam erat optimi filii tui Antonii Barri, qui me tum, non tam aetate, quum
pene aequales essemus, quam praeclarissimis illis naturae bonis, ingenii praestantia,
industriamque uincebat. Ex qua quidem uitae studiorumque coniunctione,
ea postea consequuta est in relium uitae tempus animorum nostrorum beneuolentia,
ut quemadmodum a paruis illa incepta (ut ait Comicus) cum aetate creuit simul,
ita ne cum eiusdem quidem aetatis, uitaeque fine sperem posse dissolui.
Sed moderabor hic ipse orationi meae: soleo enim esse, ui summa quadam
amoris impellemte, uerbosior, quoties ad illius ingenium uirtutesque
commemorandas oratio mea delabitur. Id porro nunc agendum mihi imprimis
est: ut quod ad summa tua in me merita, meumque in te studium & obseruantiam
declarandam pertinebit, monumentum posteris, ac meum aliquod testimonium
relinquam. Quod quum nullis me rebus aliis sperarem posse consequi,
nisi reddendis illarum litterarum muneribus, in quibus ut aliquid possem,
tuo beneficio consequutus essem, uolui meos in illum M. Tulij Ciceronis
librum de optimo genere oratorum comentarios in tuo edi nomine. Quid*

enim aptius tibi mitterem summo ingenio, summaque eloquentia uiro, quam eloquentissimi oratoris de optimo genere dicendi iudicium? Quod et tu leges libenter, ac quum me multa monstrante uidebis eadem in alijs libris ac totidem pene uerbis ab eodem dici, eos tandem audire desines, qui hunc illius librum, aut non esse suspicantur, aut audent etiam pronunciare. Vale.

M. T. CICERONIS

DE OPTIMO GENERE ORATORVM

LIBER.

Achillis Statiij Lusitani in eundem commentarij.

LVTETIAE

Apud Vascofanum, uia Iacobaea ad insigne fontis.

1600
M. D. LI.

1600
CVM PRIVILEGIO.

E, ainda que isto nam seja pera ti, di-lo-ei pera quem me ouvir, como homem zeloso do bem comum. Ūa das cousas menos oulhadas que há nestes reinos, é consintir em todalas nobres vilas e cidades, qualquer idiota e nam aprovado em costumes de bom viver, poer escola de insinar mininos. E um çapateiro que é o mais baixo ofício dos macânicos, nam põe tenda sem ser examinado. E este, todo o mal que faz, é danar a sua pele, e nam o cabedal alheo, e maus mestres leixam os discípulos danados pera toda sua vida. Nam somente com vícios d'alma, de que pudéramos dar exemplos, mas ainda no modo de os ensinar” (fol. 59).

Ficamos também a saber, por esta carta ou prefácio, que Estaço viveu em casa de João de Barros e aí teve por companheiro de estudos um filho do historiador, chamado António. Destas relações já falara de passagem Luís de Matos, mas alterando por tal forma o que diz o texto que me pergunto se o ilustre investigador o terá lido atentamente: “Avant de se rendre en France António de Barros avait fait des études au Portugal sous la direction d’Aquilaes Estaço; malgré le jeune âge de celui-ci, l’historien Barros l’avait appelé chez lui pour lui confier l’éducation de ses fils (voir la lettre-dédicace d’Estaço à João de Barros dans M. T. Ciceronis De optimo genere oratorum liber. Achillis Statii Lusitani in eundem commentarii)”. (15)

Ora o que se lê na carta-dedicatória, como atrás vimos, é: (. . .) *optimi filii tui Antonii Barri, qui me tum, non tam aetate, quam pene aequales essemus, quam praeclarissimis illis naturae bonis, ingenii praestantia, industriaeque vincebat.*

Como é que, declarando-se inferior, naquele tempo, a António podia Aquiles ser professor dele?

Quase nada se sabe da cronologia dos filhos de João de Barros, mas o texto latino permite-nos adiantar alguns esclarecimentos àquilo que até agora se conhecia.

António Baião escreveu na introdução do vol. I das *Décadas* de João de Barros, na edição Sá da Costa, Lisboa, 1945, p. XLIII: “O *Diálogo de João de Barros com dois filhos seus sobre preceitos morais* foi impresso em 1540, prova de que já então lhe tinham nascido António e Caterina”.

Ora creio que, sem sair do *Diálogo* citado, se poderia ir mais longe sobre a idade de António que, evidentemente, não podia ser muito criança, quando declarava:

“ANTONIO. A esse propósito pintaria o filósofo Cebetes a sua távoa de virtudes e vícios: porque depois que no grego li aquela fiçam assi me ficaram na memória as imagens e continência das virtudes pintadas, como se vira ũa comédia representada de vivas figuras” (16).

O cólofon dá esta obra de Barros como impressa a 27 de Março de MDXL. Do mesmo ano são o *Diálogo em louvor de nossa linguagem* e o *Diálogo da Viciosa Vergonha*. Somando as leituras que António declara ter feito por essa altura, referidas nos três diálogos, encontramos, entre outros, os autores seguintes: dos latinos, Plauto, Terêncio, Cícero, Virgílio, Ovídio e Séneca; dos gregos, além de Cebes, já mencionado, Eurípides e Aristóteles.

A desenvoltura das respostas, se João de Barros cuidou da sua verosimilhança, dá-nos um adolescente um pouco precoce, para os nossos dias, no co-

nhecimento dos autores greco-latinos, mas não para o século XVI. E isso é confirmado pela carta-prefácio de Aquiles Estaço, ao declarar que António era mais ou menos da sua idade (*quum pene aequales essemus*). Teria, portanto, cerca de quinze ou dezesseis anos.

António viria a falecer antes de 1562, ano da morte do pai, que o recorda no seu testamento, ao declarar entre as últimas vontades: “Mando q̄ os meus offiços me sejam feitos por religiosos de nossa Sra da Nuçiação de tomar onde meu fº Antonio de barros q̄ ds tem jas”. (17)

Um outro ponto abordado na carta-dedicatória é o do ensino que Aquiles Estaço teria recebido de João de Barros. Corre escrito e repetido, desde o **Suplemento da Bibliotheca Lusitana**, que Estaço foi aluno do historiador. Ora a carta parece referir-se principalmente a um tutor ou orientador de estudos: *Nam quum liberos apud te tuos institui, & in optimarum artium studiis erudiri curares. . .* Se João de Barros fazia ensinar por outrem os próprios filhos, não é natural que fosse ele o professor de Estaço.

Todavia, uma disciplina, então quase inexistente, deve o historiador ter ensinado ao futuro humanista: a Gramática Portuguesa, cujo aprendizado devia preceder, em sua opinião, o da Gramática Latina.

A Gramática Portuguesa aprendeu-a António com seu pai, segundo ele mesmo declara no **Diálogo em louvor da nossa linguagem** (18):

“FILHO – Pois quanto ao proveito dos próprios portugueses, eu e o que for espermentado o podẽ julgar: ca, se nam soubera da gramática portuguesa o que me vossa mercê insinou, parece-me que em quatro anos soubera da latina pouco, e dela muito menos. Mas, com saber a portuguesa, fiquei alumiado em ambas, o que nam fará quem souber a latina” (fol. 58/58 vº).

É possível, todavia, que a passagem da gramática da língua-mãe à gramática latina tenha sido ensinada pelo próprio João de Barros que, aliás, compusera uma gramática latina elementar. Mas quando os diálogos têm lugar, o professor de Latidade de António já não é o pai, como pode verificar sem dificuldade quem ler atentamente, quer o **Louvor da nossa linguagem**, quer a **Viciosa Vergonha**.

Finalmente, a carta respira um certo ar de triunfo, quando evoca o rapazinho de outrora, inferior nos estudos ao filho do destinatário, e agora, de tal modo adiantado nas Humanidades, que podia oferecer ao antigo preceptor uma edição crítica e comentada de um livro de Cícero, publicada em Paris.

António e Aquiles seguiram posteriormente caminhos, de certo modo, paralelos. Em fins de 1548, encontravam-se entre Paris e a Flandres. Assim, num depoimento retrospectivo, feito na Inquisição em Lisboa, dois anos mais tarde, a 4 de Setembro de 1550, por um Pedro Luz Monteiro, que estudara em Bordéus e Paris, este descreve em pormenor as palavras e atitudes luteranas do compatriota D. Lopo de Almeida, em França e na Flandres.

D. Lopo, para impressionar Monteiro, tinha enumerado vários portugueses “q̄ estauão tidos em comta de homẽs doutos & tambem Amtre estes nomeou Amto de bairros fº de Jmº de bairros feytor da casa da Imdia dizemdo q̄ era homem de bom esprito & q̄ p̄ Iso seguia aq̄la sceyta” (19).

Numa sequência que tem para nós o interesse de reunir, a poucas linhas de distância, os nomes de Aquiles e António, o depoimento prossegue: “(. . .)

& asy (Pedro L. Monteiro) o disera a huũ Aquiles estaco p̄tuges, f̄o de paulo nuez capitão da tore de setuual, o q̄l A partida delle t̄a ficaua em paris, & estudava theologia & q̄ se Agora Não esta em paris q̄ estara em louem E dise mays elle t̄a q̄ em burcelas preguntara ha Amt^o de bairros se era verdade q̄ seguia elle A secta lutherana como lhe tinha dito dō lopo & q̄ elle lhe disera q̄ não, & se Aqueyxara m^{to} de dō lopo Andar diz^{do} taes cousas delle & q̄ nō esperava Iso delle diz^{do} q̄ era gramde falsydade” (20).

Portanto, no final de 1548, estavam Aquiles em Paris e António em Bruxelas (burcelas). Dois anos mais tarde, segundo Pedro Monteiro, poderia Aquiles encontrar-se em Lovaina (loven), se ainda não estivesse em Paris.

Temos, pois, a confirmação da carta-prefácio, de que a amizade dos dois pupilos de João de Barros continuou, pelo menos, por alguns anos. E se o pai immortalizou o nome do filho adolescente, como interlocutor dos seus diálogos, é ao colega de estudos, “um Aquiles Estaço, português, filho de Paulo Nunes, capitão da torre d Setúbal”, segundo a prosa inquisitorial, que António de Barros deve a menção que dele aqui fazemos, quatro séculos mais tarde.

NOTAS

- (8) Cf. separata citada na nota 2, pp. 1-2.
- (9) Cf. sobre a educação em Portugal, no início do século XVI, o meu livro *Estudos sobre a Época do Renascimento*. Coimbra, 1969, pp. 64-71.
- (10) Veja-se o *Tratado da Linhagem dos Estaços, Naturaes da Cidade de Évora*, author Gaspar Estaço. Lisboa, 1625.
- (11) “Edição castigada, etc. por Francisco Adolfo Varnhagen”, 4ª edição, São Paulo, 1971, p. 51.
- (12) Separata citada na nota 2.
- (13) “Manuscritos e obras impressas de Aquiles Estaço”, *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Ano III, nº 12, Coimbra, 1957, pp. 167-178.
- (14) *Retórica e Teorização Literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*. Coimbra, 1973, p. 50.
- (15) Luís de Matos, *Les Portugais à l’Université de Paris entre 1500 et 1550*. Coimbra, 1950, p. 100.
- (16) *Compilação de Varias Obras do Insigne Portuguez JOÃO DE BARROS. Contem a Ropica Pnefma e o Dialogo com Dous Filhos seus sobre Preceitos Moraes. Serve de segunda parte à compilação que de outros opusculos do mesmo auctor fizeram imprimir em Lisboa no anno de 1785 os monges da Cartucha de Evora. Feita esta impressão por diligencias e cuidado do Visconde de Azevedo. Porto: Impressa em casa do Visconde de Azevedo. MDCCCLXIX, p. 315.*
- (17) António Baião, *Documentos inéditos sobre João de Barros. Sobre o escritor seu homónimo contemporâneo, sobre a família do historiador e*

- sobre os continuadores das suas Decadas. Coimbra, 1917 (separata do Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa, vol. XI), p. 67.
- (18) Adaptação a grafia moderna, feita a partir de fotocópias, publicadas por Maria Leonor Carvalhão Buescu, em João de Barros, Gramática da Língua Portuguesa; cartilha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha. Lisboa, Faculdade de Letras, 1971.
- (19) O processo na Inquisição de Mestre João da Costa publicado por Mário Brandão. Coimbra, 1944, p. 338.
- (20) *Ibidem*, p. 340.